

## O Negro na literatura erudita e na literatura popular: necessidade de seu estudo interpretativo (\*)

Da Bahia, sabe-se, por estudo de pesquisa histórica, em que a erudição completa a experiência, que aqui surgiu o primeiro estudo a respeito do elemento africano no Brasil, estudo visando à identificação de manifestações não apenas de natureza sanitária ou de saúde, mas igualmente do que hoje poderíamos chamar culturais. Estudo possivelmente o primeiro, se considerarmos referências anteriores, no século XVI ou no XVII, meramente informativas ou etnográficas, sem a identificação científica a caracterizá-las. Nas cartas jesuíticas, como em livros de viajantes, naqueles séculos, são abundantes as informações ou descrições sobre o africano ou o negro no Brasil; não interpretação, nem análise, de fundo científico, no tipo que hoje conhecemos, mas puramente informação ou descrição que chamaríamos etnográfica.

O médico baiano do século XVIII Luís Antônio de Oliveira Mendes seria assim o precursor de estudos em que entraria muito do

que hoje se consideraria cultural a respeito do africano, em trabalho escrito para a Real Academia das Ciências de Lisboa. Esta douta instituição submeteu a prêmio, para a atenção dos estudiosos, um tema, cujo título, se bem longo, era expressivo por podermos ver hoje, como então, no para nós já distante século XVIII, o assunto era encarado. "Determinar, com todos os seus sintomas, as doenças agudas e crônicas, que mais frequentemente acometem os pretos recém-tirados da África: examinando as causas de sua mortandade depois da sua chegada ao Brasil: se talvez a mudança do clima, se a vida mais laboriosa, ou se alguns outros motivos concorrem para tanto estrago: e finalmente indicar os métodos mais apropriados para evitá-lo, prevenindo-o, e curando-o. Tudo isso deduzido da experiência mais sizada e fiel" — eis o tema submetido aos estudiosos.

Coube a Oliveira Mendes o prêmio oferecido pela Real Academia, em estudo onde, talvez pela primeira vez, se identifique cientificamente o "banzo". Teria sido o caminho, se tal trabalho tivesse chegado ao conhecimento das gerações subsequentes, para posteriores estudos. O que não exclui, sem dúvida, o conhecimento da doença de saudade, de tristeza, de nostalgia entre os africanos no Brasil. Que, aliás, não deveria ser peculiar no africano, mas deve existir entre outros nacionais, quando forçados a abandonar suas terras ou a exilar-se em outros países.

Se o Seminário de ontem, em torno de um texto de mestre Thales de Azevedo (\*\*), nos permitiu examinar os estudos acerca do elemento africano no Brasil, ao mesmo tempo que suscitou alguns problemas a respeito da contribuição africana em nossa formação cultural, quanto em particular a uma possível literatura afro-brasileira, procuraremos aqui um outro enfoque: sugerir estudar-se, em obras de literatura erudita, que abrange romance, novela, teatro, conto, poesia, de autores chamados eruditos, como o negro se comportava em nossa sociedade, ou como estes autores o viram, não raro inspirando-se em personagens reais; e estudar-se, igualmente, agora na literatura popular, como o negro está presente, o que suas manifestações, conservadas na oralidade, traduzem, que sentimentos exprimem ou que significado encobrem ou apresentam seus contos, suas lendas, seus mitos, seus cantos, trasladados para o Brasil, e aqui transculturados, se foi o caso, ou conservados em sua pureza, se assim ainda os podemos encontrar.

Parece-me não menos expressivo que também aqui na Bahia possamos sugerir, com esta contribuição, um mais aprofundado estudo do africano no Brasil, não apenas agora do ponto de vista do "banzo", mas do que culturalmente nos transmitiu, sobretudo através do que existe de presença do negro africano na literatura erudita ou na literatura popular. Não ignoro, é evidente, o que já temos de estudos sobre o negro no Brasil devido a mestres, ou melhor a

grandes mestres. Aqui mesmo, na Bahia, viveram, pesquisaram, estudaram o negro: mestre Nina Rodrigues, mestre Manoel Querino e, entre os modernos, mestre Thales de Azevedo, mestre Vivaldo da Costa Lima, mestre Waldir Freitas Oliveira, mestre Edison Carneiro — este tão cedo roubado à nossa convivência; de igual maneira podemos lembrar a contribuição de mestre Gilberto Freyre, de mestre Renato Mendonça, de mestre Florestan Fernandes, de mestre Ulisses Pernambucano, de mestre René Ribeiro e de tantos outros. Sem esquecer o mestre maior, cujo nome pronuncio com o respeito, a admiração, a estima que me merece: nosso mestre, mestre de todos nós, Arthur Ramos. E não só estes mestres; também outros ainda jovens mestres, surgindo nas gerações mais novas. E igualmente outros mestres, não brasileiros de nascimento, mas já abasileirados no estudo do negro no Brasil: Herskovits, Pierson, Bastide, Landes, Verger.

Abundante é o material que podemos encontrar na literatura erudita — prosa ou poesia, teatro ou romance, novela ou poema — a respeito do negro. De modo particular a respeito do comportamento do africano no Brasil, na vida de família, na atividade rural, na vida urbana, nas técnicas de trabalho. Figuras humanas de africanos, criadas nesta literatura com inspiração sem dúvida em pessoas reais, passam em páginas de romances, de teatro, de poesia. E estudá-las seria justamente uma contribuição ponderável para se conhecer aquilo que Herskovits chamou “o cotidiano do negro”. Isto aliás, que ainda não temos estudado: este cotidiano, o viver do negro no seu dia-a-dia, em diferentes atividades, retratado não raro de maneira admirável em personagens de romances ou de teatro, de cuja realidade não se pode duvidar.

Na ficção brasileira, tal como lembrou um baiano dos mais eminentes do nosso tempo, Adonias Filho, o negro preenche um espaço inteiro a partir da própria origem da ficção até nossos dias, projetando-se, para constituir, como personagens, um movimento literário. Se nos primeiros séculos o personagem é mais raro, menos explorado; no século XIX projeta-se de maneira mais intensa, para alargar-se, esbanjadoramente, no século atual, sobretudo com o modernismo.

Sem nos retermos na lembrança dos estudos, alguns ainda hoje de importância considerável, como o de José Bonifácio sobre a escravidão, o negro perpassa, no século XIX, em páginas literárias da mais expressiva significação. Por toda a centúria, tanto a poesia como a prosa se enriquecem de testemunhos a respeito do elemento negro, considerando principalmente sua situação de escravo. O que é autêntico, isto é, constitui o papel ou a característica de que não se pode fugir na representação ou fixação do elemento africano.

Não faltava razão a Joaquim Nabuco quando escreveu que foram a escravidão e o escravo, e não especificamente ou particular-

mente o africano, que transmitiram a influência do elemento negro na vida brasileira. Era o condicionamento de sua situação social. Daí porque, ainda no século XVII, a oratória de Vieira poderia lembrar que o algodão, paradoxalmente, enegrecera o Maranhão, pois a agricultura algodoeira aumentara a presença do escravo africano. E ia mais longe o S. J., cuja pregação em terra baiana marcou sua época na oratória sacra no Brasil; ia mais longe quando, verberando a situação do escravo, comparou os sofrimentos do negro à Paixão de Cristo.

Fixando-nos, porém, no século XIX, tão rico como manifestação literária já mais tipicamente brasileira, podemos ver como era considerado o africano em sua situação de escravo. É o caso de Fagundes Varela, em cuja poesia se encontram figuras de negros escravos; o de Gonçalves Dias, que em seu poema "A Escrava" trata da escravidão; o de Luís Gama, que lembrou a rainha da Líbia escrava no Brasil; ainda o de Cruz e Souza; como é, sobretudo, o de Castro Alves, a quem se deve todo um conjunto de poesia — *Os Escravos* — onde a figura central é o negro, o negro, aliás, como motivo da campanha abolicionista.

Em terra baiana seria como que imperdoável não lembrar Castro Alves, ou até mesmo não citá-lo; mas não seria possível esquecê-lo quando balanceamos o que nossos poetas e prosadores legaram a propósito do escravo negro. Foi o maior em seu tempo, ainda hoje projetando-se, inesquecido pela permanência de sua poesia que sendo não raro envolta de lirismo é, sobretudo, marcada pelo ideal abolicionista, na profligação do que era o sistema escravagista. Sua presença ainda é atuante, não tanto por suas poesias de amor, mas sobretudo pelo "Navio Negreiro" ou pelo "Vozes d'África", há algum tempo atrás chave-de-ouro de recitais de declamação.

Se a poesia de Castro Alves se insere na campanha abolicionista, desta igualmente restam grandes vozes que ainda hoje relemos com emoção, não apenas pelo que disseram, mas sobretudo pelo que pensaram; é o caso de Tavares Bastos; é o caso de Joaquim Nabuco. Duas grandes vozes de pensadores, cujas páginas escritas na segunda metade do século XIX, são muitas delas ainda de viva atualidade, fixando os dois autores entre os nossos maiores pensadores sociais em todos os tempos.

Na novela ou no romance, encontramos também, ainda no século XIX, o tema do negro. O drama social do mestiço inspira a Aluísio Azevedo seu romance *O Mulato*; da mesma forma que em *O Cortiço* aparecem figuras negras. Manoel Antônio de Almeida incluiu personagens negros em seu romance, o que era natural, pois descreve a vida do Rio de Janeiro, onde o elemento negro era abundante nas atividades urbanas. Joaquim Manuel de Macedo é o autor

de um trio que, sob o título de *As vítimas algozes*, aborda o problema da escravidão, nele incluindo personagens negras; Bernardo Guimarães detem-se na figura da escrava Isaura para fixar a escravidão em seu romance; Franklin Távora, autor de romances que se passam no Nordeste, registra alguns tipos negros, o que não é de estranhar pela importância da escravidão na região e pelo que ali representou a presença do africano escravizado na vida agrária e depois na vida urbana.

Muita coisa haveria ainda a lembrar: Martins Pena, com figuras do escravo ou do capitão-do-mato, ou José de Alencar, com a mãe escrava e o moleque, no teatro; Arthur Azevedo e França Júnior, também no teatro. Com tais contribuições podem recolher-se elementos substanciais para conhecimento da vida social do negro escravo no Brasil, da mesma forma que, a partir dos fins do século XIX, começam a surgir os verdadeiros estudos socialmente considerados, em que a contribuição negro-africana passa a ser examinada dentro do sentido moderno de cultura, antropológicamente ou sociologicamente, numa antecipação que permite aos estudiosos de hoje melhor conhecerem os quadros daquela época.

Não menos expressivo o que, através da literatura erudita, nos ficou da presença do negro em poesia ou prosa no século atual, sobretudo com o movimento modernista, no qual como que se verificou uma verdadeira volta às fontes de nossa formação, tanto o negro ou o índio evocados e fixados em prosa ou verso. O indianismo, o seu tanto lírico do século XIX, ressurgiu neste nosso século com outra visão, menos lírica, talvez mais profunda. Sobre o elemento negro não menos significativo, o que se pode recolher.

Na poesia, a obra de Jorge de Lima representa, a esse respeito, a mais completa contribuição, utilizando negros como temas de inspiração. Além dos *Poemas Negros*, incluídos em suas obras completas, outros poemas de Jorge de Lima inserem aspectos culturais negros. O que representa "Essa Nega Fulô" é um exemplo, tornando-se esse poema um clássico, talvez o mais importante clássico, da poesia sobre o elemento negro no Brasil. Em Jorge de Lima encontramos versos que sintetizam toda a atividade do negro na vida e na cultura brasileira; são seis versos que nos dão, na simplicidade de sua linguagem, toda a contribuição do africano em nossa vida:

Pai João remou nas canoas  
Cavou a terra  
Fez brotar do chão a esmeralda  
Das folhas — café, cana e algodão.  
Pai João cavou mais esmeraldas  
Que Paes Leme.

Também Cassiano Ricardo, Mário de Andrade e Augusto Meyer podem ser lembrados entre os poetas que abordaram temas negros, da mesma forma que ninguém esquece aquela boa e doce Irene de Manuel Bandeira. E isto para não citar muitos outros poetas em que a temática negra está presente.

Na prosa, em romances do mesmo Jorge de Lima, destacadamente *Calunga*, aparecem aspectos da vida do negro no Brasil, o que ocorre também em Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, Abguar Bastos, Lima Barreto — este, um dos mais expressivos talvez na fixação de figuras negras —, Jorge Amado, José Lins do Rego, Adonias Filho, para citar os mais destacados entre os contemporâneos.

Na obra de José Lins do Rego, sobretudo nos romances do chamado “ciclo da cana-de-açúcar”, o elemento negro mais abundantemente se apresenta. Todo o ciclo decorre em engenho e usina, o que faz presente o negro escravo e mais tarde o negro livre. Embora obra de ficção, os romances de José Lins do Rego fixam aspectos reais da paisagem rural nordestina; lá se encontra tudo o que se refere às relações entre senhor-de-engenho e escravos; a decadência do patriarcado rural, onde a presença do escravo foi importante; os remanescentes da escravidão na propriedade, enfim toda a vivência social nordestina, onde o negro assenta sua presença imorredoura.

Dois aspectos particulares podem ser lembrados, por sua maior significação quanto à presença do elemento negro: um dos romances tem em Ricardo, antigo moleque de engenho, seu personagem principal, o que representa a presença do negro ou de seu descendente na vida social da região; e, em *Menino de Engenho*, recorda-nos José Lins velhas negras que iam de engenho em engenho narrando seus contos e suas estórias, o que fixa a presença do Alô ou Akpalô africano na cultura regional. O que também seria lembrado — essas velhas contadeiras de estórias — por Garrett em Portugal, através daquela Brizida velha que recorda nas *Viagens na Minha Terra*. Ou como o Pai João, de Jorge de Lima, que sabia histórias tão bonitas que davam vontade de chorar.

Não menos rica de figuras negras e de elementos culturais negros é a literatura de Jorge Amado, voltada para a área baiana, onde mais importante se tornou essa presença cultural africana. E entre seus romances, decerto, *Jubiabá* é onde os personagens negros aparecem mais destacadamente, permitindo, através do seu comportamento, conhecer usos e costumes trazidos pelos negros escravos e incorporados às práticas de vida das populações negras ou mestiças baianas e, por extensão, a toda a sociedade regional.

Romancista dos mais significativos de nosso tempo, a marcar uma fase no romance brasileiro contemporâneo, Adonias Filho inseriu, em seu mais recente livro, este admirável *Luanda Beira Bahia*, a presença do elemento negro, aqui e lá, isto é, de onde ele veio e onde

ele se fixou. Personagens deste romance, contemporaneamente talvez o mais expressivo, são figuras negras, retratados na peculiaridade de suas presenças tipicamente de cultura africana. Não podemos esquecer também a contribuição de Antônio Olinto, sobretudo por ser de experiências feito com sua vida na África, em área de onde vieram escravos africanos e para onde voltaram seus descendentes, muitos destes ou todos eles, conservando ali hábitos, costumes, palavras levados do Brasil, não tipicamente africanos, mas já tipicamente brasileiros. Vivência essa, a de Antônio Olinto, de que dá testemunho com sua *Casa da Água*, romance em que o elemento negro se apresenta bem nítido, mas sem prejuízo do que há também de já caracteristicamente brasileiro em suas personagens.

Nestas fontes, prosa ou poesia, que nos legaram escritores e poetas, podemos recolher muitos elementos para conhecer o que recebemos como herança do negro, não raro já brasileiro, aqui nascido na descendência dos que primeiro vieram da África; e que recebemos também da herança dos mestiços, oriundos dos cruzamentos verificados desde o primeiro momento. Personagens ou paisagens, cenas ou manifestações de vida representam elementos que podem constituir fontes para o estudo do elemento negro africano entre nós; é um valor que ainda não se explorou devidamente — o estudo da vida e da presença do africano no Brasil através de sua vivência na literatura erudita: em prosa ou em verso de autores que fixaram figuras negras, suas atividades, seu trabalho, sua vivência quotidiana.

Se é possível, através do que se encontra na literatura erudita, estudar esta vida diária do negro no Brasil, sua convivência, sua maneira de ser, sua atividade, não o será menos se procurarmos analisar e interpretar o que ele nos deixou em suas manifestações culturais de tradição oral, recolhidas no que podemos chamar de literatura popular. O que consideramos aqui, como literatura popular, são aqueles elementos tradicionalmente conservados pela oralidade, assim permanecendo e assim sendo transmitidos, por se originarem de uma sociedade sem escrita. Ou seja, no caso, a sociedade negro-africana de onde provieram os escravos introduzidos no Brasil.

Aliás, é oportuno desde logo ressaltar um ponto: se a oralidade é uma característica da sociedade chamada primitiva ou ágrafa, porque não possui escrita, a civilização contemporânea, toda ela oriunda da escrita pela tradição transmitida em formas gráficas, está voltando ao primitivismo, à transmissão oral, mais que à escrita. Lucien Febvre assinala que vivemos, no mundo moderno, uma volta à oralidade, ou o que ele chamou, adequadamente, parece-me, a revanche da oralidade, através dos chamados *mass media*. O oral, a oralidade, domina o nosso tempo, vencendo a escrita que surgiu como uma característica de desenvolvimento cultural, uma etapa na história do homem civilizado.

Vivemos grudados no rádio, ouvindo, e não lendo; e muitos não se contentam de ouvi-lo em casa, utilizando o transistor na rua, no escritório, na loja, no gabinete de trabalho. Creio que ainda não se estudou devidamente a influência do transistor, seu papel em nossa chamada civilização, as transformações que está provocando, o nivelamento que está estimulando. Hoje ouvimos mais que lemos. Aprendemos mais ou sabemos mais as coisas pela oralidade e não pela leitura. Daí a importância que assumiu a televisão, como instrumento de comunicação oral e visual, substituindo, por exemplo, o jornal, no noticiário, ou o livro, na literatura.

A maioria da população de nossos dias não lê novela; o verbo a ser usado é aquele que encontramos num folheto de cordel: *assiste*. De fato, assiste-se uma novela, vendo e ouvindo pela televisão ou apenas ouvindo pelo rádio; nossa época está se tornando auditiva e visual. Voltamos quase primitivamente à oralidade. A novela exitosa, comentada, discutida, nas repartições, nos ônibus, nos cafés, nas reuniões familiares, não é a *lida* na divulgação das editoras, mas a *ouvida* na divulgação da televisão. Ou melhor: *assistida*, como referiu Joaquim Batista de Sena:

Vou escrever em sextilhas  
uma bonita novela  
que entre as que assisti  
é talvez esta a mais bonita.

A oralidade direta, a narrativa de contos e lendas por velhas bás, tal como aquela encantadora Bibi que tantas histórias contou a Luís da Câmara Cascudo, está hoje também perturbada ou modificada pela forma de transmissão, ou seja o que poderemos chamar oralidade mecânica. Com o uso de toca-discos, as estórias tradicionais ou os contos maravilhosos, agora gravados, despertam, parecem, um novo tipo de encantamento para as crianças; estas escutam, atualmente, através de um instrumento técnico — a vitrola — e não mais diretamente da boca da velha ama. Já é, poderia dizer-se, uma transição ou evolução da própria oralidade — de uma forma direta, pessoal, ao vivo, para uma forma indireta, impessoal, tecnificada. Não se vê o transmissor, como antigamente, sentindo a emoção direta pelo movimento da boca, pelas feições, pelo ar que oferecia ao ouvinte; mas se ouve a transmissão. A interação se processa impessoal e indiretamente.

É importante assinalar tal fato. Pois até para as crianças está se mecanizando a oralidade; os velhos contos, as velhas narrativas, e que havia de atraente na própria modulação da voz ao transmitir, são hoje escutados mecanicamente, sem as nuances que desejariam perceber as crianças ao sentirem, na emoção da pessoa que transmite,

as peripécias de João e Maria, as artimanhas da raposa, a aventura do Patinho Feio, as proezas do Soldadinho de Chumbo. A técnica substituiu a velha Bábá, o narrador, o Griot da África Ocidental, sem oferecer ao pequeno ouvinte a emoção natural que decorre da atitude no falar, da maneira de dizer, da própria gesticulação. De maneira que a própria interação já não se processa de forma direta, ao vivo, na emoção que a palavra expressa; mas sim de forma indireta, por uma palavra que não se vê de quem vem.

Da importância da escrita seria supérfluo falar; representa um estágio de superioridade, de prestígio, de valorização. O que sabe ler e escrever é, para o homem analfabeto, como que um ser superior. O que é escrito é como que mágico. Veja-se, por exemplo, na literatura de cordel — que é, justamente, na cultura popular uma expressão escrita — o prestígio que adquire o que é escrito. Para se confirmar um fato ou uma notícia, diz-se que foi lido no jornal. É certo que hoje em dia o prestígio é mais auditivo, o que a própria literatura de cordel também o confirma. Como exemplo vale lembrar: o poeta que divulgou, em folheto, a renúncia do presidente Jânio Quadros, disse que ouviu a notícia pelo rádio. E folhetos se têm divulgado transmitindo novelas assistidas na televisão.

Todavia, o escrito é como que a comprovação de uma situação superior. O doutor é que sabe escrever, fato que atribui à pessoa um *status* mais elevado no seu meio. Se é certo que as sociedades ágrafas prescindem de escrita, e pela oralidade mantêm suas estruturas e suas formas de vivência, não menos certo é que o valor da escrita se difundiu para constituir como que um símbolo mágico. Ou seja, a possível forma de comunicação entre povos distintos e não apenas distantes.

O que nos leva então a considerar a importância, para o estudo do negro no Brasil, do conhecimento de sua literatura oral. De seus contos, de suas adivinhas, de suas lendas, de seus provérbios, de seus cantos, de seus cultos; e igualmente de suas danças. Chegamos a um momento em que é necessário dizer “basta!” às coletâneas, ao simples registro, à transcrição de textos; já é tempo de analisar, de interpretar, de compreender o que significa em seu espírito esta literatura oral e de utilizá-la para melhor conhecimento da presença do elemento negro na vida brasileira.

O mundo de elementos já coletados e difundidos nos evidencia quanto recebemos de herança cultural africana: cantos e contos, folgedos e bailados, provérbios e adivinhas. Não raro este material oral se encontrou com o existente na terra entre os indígenas e com o trazido da Europa pelo colonizador europeu. O ambiente gerou o processo transculturativo, e muitas vezes a universalidade das origens se ambientou na nova terra. Animais estranhos, não conhecidos no

novo meio, foram substituídos pelos existentes na terra; figuras humanas de criação africana ou heróis da tradição africana sofreram modificação para encarnar-se em tipos humanos locais ou regionais, mais conhecidos pelas populações mestiçadas ou já brasileiras. A criatividade popular pode ser assim estudada através do processo transculturativo.

Sem prejuízo — devemos deixar bem claro desde logo — de situarmos as fontes, de conhecermos o que houve de originalmente transplantado. Daí a importância, e não apenas a necessidade, de estudar-se, por exemplo, um conto africano transplantado para o Brasil, naqueles aspectos que podem então identificar seu significado social ou sua expressão cultural. Porque — e isto não devemos ignorar — num conto popular ou numa lenda, num mito ou mesmo numa dança, há sempre um relacionamento entre o sentido deste elemento e a estrutura social em que se insere. Tal relacionamento é de significativa expressão em povos chamados embora não adequadamente primitivos, sem escrita, e cuja tradição oral está ligada, não raro profundamente ligada, às estruturas sociais. Daí porque urge sejam analisados, interpretados, compreendidos os valores que envolvem estas manifestações de tradição oral.

Devemos nós, pesquisadores, estudiosos, professores, preocupar-nos menos com a coleta de material, já hoje de certo modo abundante, farto, variado, que com a sua interpretação. Saber não como é um conto popular que o africano nos legou, mas porque ele é assim, o que significa, o ensinamento nele existente, o sentido de seus personagens. Saber não como o canto é cantado, sua letra, seu ritmo, mas conhecer e compreender o que ele significa, o papel na vida social, o espírito rítmico que o anima, o que há de profundo na sua transmissão coletiva. Compreender o espírito, e sobretudo a lição, que há num enigma, ou num provérbio, e não apenas verificar o que nele existe de semelhante em outros povos.

Quanto a danças ou folguedos, alguns estudos podem ser apontados como de natureza interpretativa, permitindo conhecer-se o significado da presença do elemento negro, através do canto e da dança. A este respeito pode lembrar-se o estudo de Mário de Andrade sobre os Congos, clássico no assunto, clássico sobretudo como modelo a ser adotado na análise de um folguedo onde se procura compreender o sentido com que aparecem os figurantes e a razão de ser da temática existente. Não menos importante o de Théó Brandão sobre os reisados alagoanos, contribuição que permite conhecer-se, em seus diversos aspectos, um folguedo em que se transmitem manifestações de caráter cultural originariamente africano, como a coroação de um rei negro. Também pode lembrar-se, pelo que representa como análise da contribuição do folguedo, o estudo de

Alceu Maynard Araújo sobre o Jongo paulista, onde se interpretam aspectos culturais da dança. Possivelmente outros estudos merecem ainda nossa atenção como, para lembrar ainda um exemplo, as excelentes páginas de Ayres da Mata Machado dando-nos interpretação dos Vissungos, cantos existentes na região da mineração e de significação para conhecimento da cultura negra presente nas Minas Gerais.

Da mesma forma se poderiam exigir outros estudos desta natureza: de análise ou de interpretação do significado de contos, provérbios, adivinhas, mitos, lendas. O campo da literatura popular é vasto e nos permitiria assim uma identificação melhor dos valores introduzidos pelo elemento negro e seu significado cultural e social. Poderíamos inclusive chegar a um conhecimento mais exato das estruturas sociais africanas, tal como foram encontradas e tal como, face à transplantação, poderam reformular-se ou reajustar-se, se não foi o caso de diluir-se completamente, no Brasil.

A literatura oral, de origem negro africana no Brasil, é grande. Se muita coisa já se recolheu, pouca coisa se interpretou ou analisou. Daí a importância de estudos que visem a compreender ou a analisar um conto popular, ou uma lenda, ou um mito, a entender um provérbio ou um ritmo de dança. É o que urge seja feito.

Se tomarmos como exemplo um conto ou uma lenda, sua análise nos permitirá encontrar, nos elementos que compõem sua estruturação, uma característica do grupo humano em que surgiu ou foi criado; não raro se verifica o caso de adaptação ao novo meio, quando o conto ou a lenda foi introduzido de outro grupo. De qualquer maneira, os personagens, os tipos, a temática desenvolvida, a maleabilidade do enredo, sua conclusão representam sempre o pensamento, por assim dizer, da respectiva sociedade.

Não que chegue ao exagero, ou ao que me parece exagero, de uma abusiva aplicação de métodos quantitativos ou matemáticos, onde se somam ou se multiplicam as formas ou os temas, os estilos dos personagens ou os hábitos verificados; mas que se chegue a uma interpretação do sentido, do conteúdo, da expressão não revelada em palavras, porém intencionada, do que há de significativo no conto ou na lenda como maneira de traduzir o espírito do grupo respectivo. E o que há de transmissão desse espírito no processo transculturativo, ou, se for o caso, na manutenção de formas originais ou na adaptação de novas formas.

Daí a atitude com que se escuta um conto ou uma lenda, isto é, o que seus personagens provocam: alegria ou indignação, regozijo ou antipatia, ironia ou crítica. São os diversos aspectos que representam a posição da sociedade em que o conto se insere. É uma manifestação que nos vai mostrar quanto a idéia concebida no conto ou na lenda está relacionada com a estrutura social. Relacionamento,

aliás, que se manifesta ainda nas tendências de adaptação ou de acomodação de personagens ou tipos àqueles personagens ou tipos que são característicos na respectiva sociedade ou grupo. Que representam, portanto, a visão dessa população enquadrada numa forma de estrutura e de comportamento que lhe marca a vida.

Neste encontro que me parece bastante expressivo, e mais que tudo oportuno, permito-me a liberdade de deixar aos estudiosos baianos, pioneiros não raro em estudos sobre o negro no Brasil, este apelo: o de que estudem, analisem, interpretem esta contribuição — a contribuição do elemento negro na cultura brasileira, através de sua literatura oral, de modo a conhecer-se e a compreender-se o que temos hoje, em nossa cultura popular, de mais expressivo, significativo, e não apenas tradicional.

*MANOEL DIEGUES JÚNIOR*

\* Texto revisto pelo A., de palestra proferida por ocasião do III Curso de Estudos Baianos, realizado pela Universidade Federal da Bahia em janeiro de 1973.

\* O texto a que o A. se refere intitula-se *A Possibilidade de uma Literatura «Afro-Brasileira»* e está em vias de publicação pelo Prof. Thales de Azevedo, em livro da Editora Vozes (N. da R.).